

HOMENAGEM A RÓMULO DE CARVALHO

Impossibilitado por doença de estar presente na homenagem ao Professor Rómulo de Carvalho, senti, contudo, a obrigação de, de uma forma singela mas muito sentida, participar nesta sessão, não só para responder ao honroso convite, mas também pela circunstância que julgo única, de ter sido aluno do Mestre e, cerca de quarenta anos mais tarde, seu médico assistente.

Conheci Rómulo de Carvalho no início da década de cinquenta em Coimbra, quando eu era aluno do 3º ano liceal e ele o professor de Físico-Química, no liceu D. João III. Desse tempo recordo com perfeita nitidez a figura austera mas serena do mestre que, com aulas completamente inovadoras, vestindo quase sempre a sua bata branca, nos prendia e fascinava a todos, jovens irreverentes e imaturos de 12-13 anos, o que, convenhamos, era um acontecimento notável. E, apesar de, à época, termos outros professores de renome como era o caso de Correia de Oliveira, Joaquim Portugal, Sílvio Pélico, Ferrer Correia, a verdade é que Rómulo de Carvalho era, efectivamente, um caso à parte.

Comprovando esta afirmação, o facto de muitos anos mais tarde, em encontros acidentais com colegas de então, todos lembrarmos os nossos tempos de “Coimbrinhas” e das várias histórias de juventude mas haver sempre, uma referência ao mestre e à sua inigualável capacidade pedagógica. Recordo, por exemplo, o dia em que, para nos falar do princípio de Arquimedes, levou uma tina transparente com água e um pequeno submarino vermelho de plástico e, de forma directa e vivida por todos nós, nos transmitiu os seus ensinamentos.

Curiosamente, foi também por essa altura, quando começava a dar os primeiros passos nos domínios da cultura que, ao ver o suplemento literário, suponho que do Diário de Lisboa, deparei com uma referência a um poeta que emergia, António Gedeão, pasme-se, com uma fotografia, que eu de imediato, fruto de uma santa inocência e ignorância, assumi como trocada, do Prof. Rómulo de Carvalho. É óbvio que rapidamente me esclareceram que o grande mestre e o poeta eram a mesma pessoa.

Depois daqueles tempos de Coimbra, a vida com as suas trajectórias erráticas, afastou-me completamente do Prof. Rómulo de Carvalho, que nunca mais vi, apesar de me ter tornado um verdadeiro apaixonado dos seus escritos e, sobretudo, da sua poesia.

Quarenta e poucos anos mais tarde, médico e radicado em Lisboa, fui um dia solicitado por uma colega a ir ver o sogro que se encontrava doente.

Estava longe de pensar, de admitir, que esse pedido iria constituir para mim um novo privilégio, porquanto o doente era nem mais, nem menos que o Prof. Rómulo de Carvalho.

Nessa altura, a relação foi inevitavelmente diferente, mas o mestre continuava com uma lucidez impressionante e com a serenidade e austeridade dos velhos tempos. Comportando-se, na sua condição de doente, como um verdadeiro senhor, acatava as orientações do clínico, mas procurando sempre ser esclarecido da sua situação e dos porquês das várias atitudes diagnósticas ou terapêuticas.

Não pretendendo e não devendo abusar da vossa paciência, não resisto contudo a relatar um episódio passado no final do internamento hospitalar. À medida que a sua situação clínica ia melhorando, as nossas conversas, sobre os mais variados temas e assuntos iam-se alargando, tendo eu tido nessa altura a oportunidade de, recordando os velhos tempos de Coimbra de que ele tinha perfeita memória, lhe contar que uma vez, em que eu me tinha preparado muito bem para um ponto de física, e estava com a convicção de que iria ter uma boa nota, fiquei muito desiludido pois o mestre me tinha classificado suficiente mais.

Ele ouviu com atenção e, na ocasião, não disse nada. Contudo, no dia da alta, e quando todo o aconselhamento e orientação clínica estavam dados, o Professor, no momento da despedida, no seu tom sereno de sempre e com um ligeiro sorriso nos lábios, estendeu-me a mão e disse: “meu amigo, estive a rever o seu ponto de há trinta anos, e decidi mudar a nota. De facto, merece muito bom”. Alguns dias depois recebi da mão do filho, Eng.º Frederico Carvalho, um exemplar das poesias completas de António Gedeão. Era um livro com dedicatória, o que segundo me disse o filho, era algo que só raramente o mestre fazia. E, posso assegurar-vos que foi das coisas que até hoje mais me sensibilizaram, não só pelo que foi escrito, mas, sobretudo, por ter vindo de quem veio.

Era assim Rómulo de Carvalho, um grande mestre, um insigne poeta e um homem bom, que recordo agora com muito respeito, admiração e verdadeira saudade.

Ao

Sr. Germano do Carmo

em reconhecimento de sua competência
profissional que permitiu salvar-me
de uma doença muito grave, e também
seu afordeamento profundo pelo ca-
riúho com que sempre me atendeu e
me tratou nessas difíceis circunstân-
cias

Antônio Pedras

Abril 1996